

GESTÃO E
FORMAÇÃO
CULTURAL NO
ENSINO SUPERIOR:
A CRIAÇÃO DA
GALERIA VIRTUAL
NO CONTEXTO
DA PANDEMIA
COVID-19

[ARTIGO]

Angelina Accetta Rojas

Centro Universitário La Salle

Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel

Centro Universitário La Salle

André Cesari Batista de Lima

Centro Universitário La Salle

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo tem como objetivo relatar a experiência da criação e da gestão da Galeria de Arte Virtual La Salle, que integra a Galeria de Arte La Salle, espaço cultural do Unilasalle-RJ, localizada no município de Niterói, no Rio de Janeiro. Durante a pandemia da covid-19, buscou-se compreender limites e possibilidades deste espaço virtual como espaço promotor de cultura, arte e conhecimento. Por meio de estudo de caso, buscou-se entender as reações ao processo de ação-reflexão-ação e como isso favoreceu a aproximação e a integração dos alunos participantes à arte e à cultura. Como resultados, indica-se que a criação e gestão do espaço, apesar das dificuldades iniciais, pode ser explorada como uma ferramenta para a promoção da arte, cultura e conhecimento durante o período da pandemia da covid-19 e para além de períodos de isolamento social.

Palavras-chave: Gestão de espaços culturais. Pandemia. Galeria Virtual.

Este artículo tiene como objetivo relatar la experiencia de creación y gestión de la Galería de Arte Virtual La Salle, que forma parte de la Galería de Arte La Salle, espacio cultural de Unilasalle-RJ, ubicado en la ciudad de Niterói, Rio de Janeiro. Durante la pandemia del covid-19, se trató de entender los límites y posibilidades de este espacio virtual como un lugar que promueve la cultura, el arte y el conocimiento. Desde un estudio de caso, se pretendió comprender las reacciones al proceso acción-reflexión-acción y cómo este favoreció el acercamiento e integración de los estudiantes participantes en el arte y la cultura. Los resultados apuntan que la creación y gestión del espacio, a pesar de las dificultades iniciales, puede ser explorada como una herramienta para promover el arte, la cultura y el conocimiento durante el período pandémico del covid-19 y más allá de los períodos de aislamiento social.

Keywords: Management of cultural spaces. Pandemic. Virtual Gallery.

Este artículo tiene como propuesta presentar, desde una revisión bibliográfica, los aportes del pensamiento decolonial dentro del campo de las ciencias humanas y sociales como un nuevo movimiento epistemológico y político. A partir de los aportes de autores que dialogan con esta propuesta, se pretende interrelacionarla con los estudios de la comunicación como propuesta decolonial en puntos epistemológicos y acción política para el reconocimiento público de los grupos marginados, abriendo otras discusiones en el campo.

Palabras clave: Gestión de espacios culturales. Pandemia. Galería virtual.

Introdução

As restrições impostas pela pandemia da covid-19 provocaram mudanças repentinas nos hábitos de vida da sociedade e transformou profundamente a rotina dos alunos do ensino superior, bem como das famílias que convivem e compartilham a mesma casa, como a limitação do contato social presencial. Nesta perspectiva, no Brasil e no mundo, a sociedade vem sendo compelida a reconfigurar diversos setores sociais e econômicos. Um dos setores mais impactados foi o da cultura, sobretudo aquele que depende da presença física do público, como teatros, cinemas, museus, shows, galerias etc. Uma pesquisa realizada no Brasil pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) sobre as perdas econômicas no setor cultural apontou que, no Brasil, 63% dos profissionais de artes cênicas sofreram perda total de receitas provenientes do trabalho (UNESCO, 2020). Este é um entre tantos exemplos de como a pandemia representou um forte golpe na industrial cultural, na economia criativa e em seus profissionais.

Por outro lado, durante o que Santos (2020) chama de cruel pedagogia do vírus, as produções culturais passaram a ter papel ainda mais central na vida das pessoas. Sabemos que a nossa saúde física depende da vacina e dos cuidados preventivos decorrentes do isolamento social, mas o que diz respeito à saúde mental – e anímica – está também nas mãos dos bens culturais que conseguimos consumir ao longo desses meses de isolamento. Séries, filmes, livros, lives, exposições virtuais têm garantido a nossa relação com o mundo

sensível, tornando-se curas para um mal que acomete a todos, globalmente: a falta de sensibilidade.

Para além da doença, vivemos tempos insensíveis e assistimos a demonstrações cotidianas de individualismo e negacionismo. Em um contexto problemático, as instituições culturais podem contribuir para a cura desse mal. Trata-se de refletir sobre possíveis mudanças a partir de uma nova relação com o tempo e o espaço. Se na área da saúde o curador é aquele que cura, cuida e/ou auxilia na recuperação, nas instituições culturais o curador é aquele que concebe exposições e programações, ou seja, aquele que administra, como tutor, ou a pessoa que cuida, encarregada de zelar. Tais reflexões podem significar um caminho para uma nova consciência ancorada na arte e na cultura, na saúde e na formação da consciência estética.

A promoção da continuidade do fomento à cultura envolve o desenvolvimento da educação da sensibilidade como percepção de si e do outro, e é missão da educação proporcionar diálogos culturais por meio das aproximações simbólicas, mesmo no formato virtual. “Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva”, afirmou, na frase ilustre, o escritor franco-argelino Albert Camus, coincidentemente autor da obra *A peste*.

A gestão de espaços culturais na virtualidade do ser e do estar pode fazer que as telas dos computadores, tablets e smartphones se transformem em novos cinemas, palcos e paredes de museus. Trata-se de uma estratégia para manter a cultura em

movimento, levando ao público um conteúdo adaptado, principalmente no atual contexto. Dessa forma, os recursos tecnológicos para comunicação e informação favorecem a conexão entre pessoas distantes geograficamente, servindo também como meios de aproximação entre elas e os bens culturais.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a experiência da criação e gestão de um espaço cultural virtual, a Galeria de Arte Virtual La Salle, inserida em um espaço universitário fluminense, que funciona por meio de exposições, narrativas, autorias e comentários, durante a pandemia da covid-19. Este espaço virtual passou a compor a Galeria de Arte La Salle, espaço cultural localizado no Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro (Unilasalle), instituição de ensino superior (IES) profissional localizada no município de Niterói (RJ), integrante da rede internacional lassalista de escolas e universidades católicas.

Importa tratarmos, portanto, como a arte e a cultura, fortemente impactadas pela pandemia, podem sobreviver por meses sem o que lhes é mais caro: a interação com o público. Assim, por meio da apresentação do caso, este texto possibilita fomentar outras iniciativas dessa natureza, contribuindo para o fortalecimento do setor cultural em meio a sua mais importante crise global. A justificativa, portanto, decorre da paralisação dos eventos culturais promovidos pelo setor de cultura do Unilasalle, cuja solução foi a criação da Galeria de Arte Virtual.

As questões norteadoras utilizadas na construção do texto são: Como essas alterações impactam a experiência de visita a museus e galerias de arte? Como se dá a

gestão desses espaços culturais virtuais? Quais as limitações e possibilidades que podem ser observadas. Como ferramenta metodológica, fizemos uso do estudo de caso (YIN, 2001), buscando, a partir do recorte específico do caso em tela, possibilitar análises mais gerais para o problema de pesquisa, sem cairmos na armadilha de generalizações vazias. Nesse sentido, buscamos revelar as percepções do público acadêmico enquanto narrador futuro das memórias sociais e emocionais do tempo vivido.

Gestão e formação cultural

A gestão cultural no ambiente acadêmico é direcionada à criação e imaginação enquanto fontes e formas de ampliar as perspectivas de produção acadêmica e social do conhecimento, como também da sensibilidade. A formação de consciências e a democratização da arte, cultura e conhecimento implicam a oportunidade de reflexão sobre a realidade e a identidade de cada pessoa. O destaque é a capacidade gerencial de manter o planejamento cultural dos espaços acadêmicos alinhado aos objetivos do projeto do Núcleo de Arte e Cultura, sem se distanciar da identidade da instituição, que está em consonância com o desenvolvimento social-cultural do nosso país.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996) prioriza o estímulo à criação cultural, ao espírito científico e ao pensamento reflexivo, com o objetivo de desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive. Da mesma

forma, a *Declaração universal sobre a diversidade cultural* (UNESCO, 2002) constata que a cultura se encontra no centro dos saberes contemporâneos sobre a identidade, a coesão social e o desenvolvimento de uma economia fundada no saber. Dessa forma, podemos afirmar que os direitos culturais são parte integrante dos direitos humanos – que são universais, indissociáveis e independentes – e que é missão das IES promover o intercâmbio cultural e o desenvolvimento da capacidade criadora que alimentam a vida em sociedade.

A palavra gestão é oriunda do latim e sua raiz é a mesma da palavra gestação. Ou seja, a gestão, em sua concepção mais primária, está ligada ao ato de conceber, de construir, de trazer algo novo. Heloísa Lück (2009), ao analisar a gestão das instituições de ensino, afirma que:

Gestão escolar é o ato de gerir a **dinâmica cultural da escola**, afinado com as diretrizes e políticas educacionais públicas para a implementação de seu projeto político-pedagógico e comprometido com os princípios da democracia e com os métodos que organizem e criem condições para um ambiente educacional autônomo (soluções próprias, no âmbito de suas competências), **de participação e compartilhamento** (tomada de decisões conjunta e efetivação de resultados) e auto-controle (**acompanhamento e avaliação** com retorno de informações) (p. 24, grifo nosso).

Tanto nas escolas de educação básica quanto nas IES, a gestão é sempre um processo decisório que esbarra na cultura daquele espaço, aqui entendida como o conjunto das relações, hábitos, ideias

e tradições que ali se dão. Assim, não se pode pensar em gestão sem a compreensão da dinâmica institucional e também das relações extramuros que se estabelecem. Como o trecho em destaque traz, a gestão diz respeito a todo um ciclo de ações, que se inicia no planejamento e se fortalece no acompanhamento e avaliação, sem nunca se encerrar de forma definitiva.

Quando abordamos a gestão de espaços culturais em ambientes educacionais, precisamos ter como pano de fundo a interface entre esses dois campos, que são intimamente ligados e se retroalimentam. A educação faz parte da cultura, da mesma forma que a cultura faz parte da educação. Laraia (2001, p. 50), ao consolidar as contribuições de Alfred Kroeber ao debate antropológico, destaca que “A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores”.

O tema cultura tem adquirido um espaço importante nos debates da sociedade contemporânea, uma vez que é um conceito com múltiplos sentidos e disputas. No meio acadêmico deixou de ser apenas assunto das ciências sociais, ganhando a atenção também de outras áreas de conhecimento. A cultura construída a partir das ações e inter-relações sociais no ambiente universitário tem o intuito de promover a interação e a construção de histórias de vida em que os hábitos, costumes, manifestações, expressões e sentimentos estão inseridos, identificando cada indivíduo e determinando o seu modo de viver, de ser e de se expressar.

Pensar cultura é pensar em um conceito com múltiplos sentidos e disputas, que têm

como característica o interesse multidisciplinar de diversas áreas de estudo. Raymond Williams (2000) entende que a cultura é um processo significativo por meio do qual uma ordem social é experimentada, reproduzida, comunicada e explorada. Além disso, para o autor, o termo contém, em si mesmo, uma tensão entre produzir e ser produzido. Para Hall (1997), a cultura assume uma função de centralidade, pois, apesar de nem tudo se reduzir a ela, tudo é atravessado por ela, já que é produção de sentido e fio condutor das relações: “‘centralidade da cultura’ indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo” (HALL, 1997, p. 22).

O campo cultural é uma área que tem uma grande complexidade, visto que devemos considerar os múltiplos fatores que a cercam, como os sujeitos, as inúmeras formas de inserção no campo e as formas de produção e organização de sua luta política. Quando pensamos em gestão, compreendemos que existe uma relação entre processos administrativos e operacionais e a administração dos processos no campo da arte e da cultura.

Podemos associá-lo também à noção de mediação de processos de uma produção material e imaterial de bens culturais, além de ações de mediação de agentes sociais. Debatendo sobre as funções da gestão e dos gestores culturais, Rodrigues (2009) compreende que:

A gestão cultural articula planejamento, operacionalização e mediação. Planejamento de eventos, de programas, de ações, de processos, e de políticas em cultura. Operacionalização técnica, financeira, física e humana. Mediação

de agentes diversos: governamentais, não governamentais e comunitários; empresariais, cooperativos ou informais; produtores, viabilizadores e fruidores; tudo isso segundo perspectivas temporais que vão do curto ao longo prazo (p. 78).

Já Bayardo (2008) entende a gestão cultural como:

Uma mediação entre os atores, as disciplinas, as especificidades e os domínios envolvidos nas diversas fases dos processos produtivos culturais. Essa mediação torna possível a produção, a distribuição, a comercialização e o consumo dos bens e serviços culturais, articulando os criadores, os produtores, os promotores, as instituições e os públicos, conjugando suas diversas lógicas e compatibilizando-as para formar o circuito no qual as obras se materializam e adquirem sentido na sociedade (p. 57).

Para os autores, a gestão cultural está relacionada a essa articulação dos processos de planejamento e organização da área cultural, mas também envolve os processos de mediação que possibilitam a operacionalização do campo. Para isso, se faz necessário a figura de um gestor cultural, que segundo Avelar (2008), se trata do:

Profissional que administra grupos e instituições culturais, intermediando as relações dos artistas e dos demais profissionais da área com o Poder Público, as empresas patrocinadoras, os espaços culturais e o público consumidor de cultura; ou que desenvolve e administra atividades voltadas para a cultura em empresas privadas, órgãos públicos, organizações não-governamentais e espaços culturais (p. 52).

Já segundo Cunha (2005):

Podemos afirmar [...] que esse profissional deverá ser capaz de materializar e dinamizar no âmbito local, regional e nacional as práticas que configuram a cultura de uma comunidade. O próprio nome já define, em parte, o seu perfil profissional, ou seja, como gestor no campo da cultura, tende a desenvolver sua sensibilidade artística, articulando-a a um caráter mais prático, voltada para ações objetivas e estratégicas de atuação, tanto no setor público quanto na iniciativa privada e no terceiro setor, o que lhe exige uma formação multidisciplinar e generalista (p. 116-117).

Ou seja, o gestor cultural, deve ser esse profissional multifacetado, que pode atuar em diversas áreas no campo cultural. Sendo assim, pensar a gestão cultural requer a compreensão de que se trata de um campo amplo, que engloba instituições, programas, projetos, indústrias, empreendimentos, bens, serviços e direitos culturais. Em cada um desses itens, temos especificidades que envolvem a administração de recursos materiais e humanos, além da gestão de inúmeros sentidos que circundam a vida social em contextos e momentos determinados. Isso se deve também ao fato de o setor cultural ser uma área altamente dinâmica.

Um novo papel para os espaços culturais: o caso da Galeria Virtual La Salle

O papel exercido pelos espaços culturais envolve a preocupação com o

desenvolvimento do povo e com a inclusão cultural, no intuito de oferecer a todos – especialmente aqueles excluídos do consumo das artes – condições para que tenham acesso à inventividade artística das diversas manifestações culturais.

O impacto da covid-19, doença que fez a maioria das pessoas se isolarem e ficarem sem interação social presencial atingiu diretamente museus e centros culturais, com portas fechadas desde o início da pandemia. Esta, ainda desafiadora, provoca o desenvolvimento de novas competências e saberes que, integrados à atuação presencial e relacional, trazem maior amplitude e capacidade de mobilização que não poderiam alcançar somente com as atividades presenciais de pesquisa e exposições.

É um novo convite aos espaços culturais a se reinventarem, ou seja, talvez sejam necessárias outras linguagens artísticas, sem que se perca a criatividade. A urgente necessidade de adesão ao mundo digital invadiu os setores e instituições mais resistentes à implantação de ferramentas e formas de diálogo por meio da tecnologia, um caminho sem volta.

Além de mídias sociais, museus e galerias podem contribuir e ser veículos do bem comum, da formação humana, por meio de estratégias tecnológicas, tais como a realidade aumentada, inteligência artificial, *wearables* e até incubação de startups e laboratórios de inovação.

Ao reconfigurar e transformar o seu *modus operandi*, os espaços culturais optam por não apenas serem impactados pela pandemia e passam a ser agentes, ou seja, se reformulam, constituindo-se na

colaboração a partir do seu papel: ação e compromisso social. A ideia é refletir sobre a potência da instituição promotora de cultura, como museus e galerias, de forma regenerativa, restauradora, enquanto curadores dos territórios geográficos, temáticos afetivos e tipológicos aos quais estão integrados. Tudo o que ocorre fora dos espaços culturais precisa ser regenerado com o objetivo de garantir vida, formação humana e planetária.

Segundo Letelier (2021), algumas práticas vêm norteando a política de gestão dos espaços culturais, tais como maior proximidade com outros setores e causas – sociais, ambientais, cultura *maker*, inovação de impacto positivo, economia colaborativa; parceria com instituições culturais; o entendimento da regeneração integrada às instituições culturais; integração aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que fazem parte da Agenda 2030 da ONU; debates, pesquisas, diálogos e ações sobre temas como diversidade cultural, interculturalidade, povos originários, gênero, pobreza, etnias, desigualdade, vida marinha, consumo sustentável, crise climática, cultura de paz, justiça social, saúde planetária.

Haverá novas formas de acesso às obras e, com isso, serão criadas mediações diferentes entre o público e as exposições. Sendo assim, devemos reconhecer o protagonismo do público – acadêmico, no caso da Galeria La Salle –, pois, para Marta Porto (2010):

Espaço cultural é um lugar de constituição de experiências, de alargamento do tempo-espaço do sujeito a partir do contato com situações, com obras, com atividades que afetam os seus sentidos, promovendo desejos, fantasias, sonhos,

apreensão de conhecimentos ou, simplesmente, emoção (p. 14).

Já Teixeira Coelho (2012, p. 167) compreende que os espaços culturais são “locais destinados primordialmente à recepção da cultura”, propondo, assim, uma dimensão mais ampla sobre o que se entende como espaços de fruição da cultura, além de compreender as suas múltiplas funções e a sua importância para a área. Por se tratar de um conceito mais abrangente do que outras definições, é utilizado para indicar qualquer lugar destinado à promoção da cultura, e se destaca por sua força sugestiva. A compreensão da nomenclatura da ideia de espaço cultural, além de ampliar o conceito de Centro Cultural, descentraliza e desterritorializa a ideia de produção cultural e artística.

A Galeria de Arte La Salle integra o Núcleo de Arte e Cultura (NAC) do Unilasalle-RJ. A instituição foi criada no ano de 2002, sendo parte da Rede La Salle, fundada há mais de 300 anos, na França, por São João Batista de La Salle, e presente em 80 países, por meio de escolas de educação básica e instituições de ensino superior, dentre outras obras. A instituição conta, hoje, com 27 cursos de graduação, entre presenciais, semipresenciais e a distância e ainda com diversos cursos de pós-graduação *lato sensu*. Além dos cursos, há uma importante valorização da extensão, que compõe o célebre tripé do ensino superior (ensino-pesquisa-extensão), caracterizado por Martins (2012) como o fundamento metodológico para a construção do conhecimento no ensino superior.

Como ponto de desenvolvimento das atividades da galeria, temos a integração

com os cursos de graduação e com alunos do ensino fundamental e médio das escolas no entorno. A realização de parcerias com instituições culturais, educacionais e diplomáticas, como o Museu do Índio, durante o Encontro dos Povos Originários da América, realizado em outubro, desvelou

novas formas de interconectar saberes e linguagens. A Vogue Gallery Brasil colaborou com as exposições apresentadas no decorrer da Semana de Africanidades, em maio, durante o mês do folclore, em agosto e no Encontro dos Povos Originários da América, em outubro.

[Figura 1]
Exposição virtual Arte Africana



Arte Africana

De 25 a 29 de maio de 2020

A Vogue Gallery Brasil vem mostrar um pouco da sua coleção África. Esta coleção foi adquirida com colecionadores e em viagens a África e em alguns eventos. Temos muitas esculturas de madeira de Zimbábue, Mali, Benin e de tribos locais. O artesanato sul-africano é muito diversificado, tem uma riqueza cultural muito importante principalmente ao gerar renda para muitas famílias. Geralmente as produções são feitas a partir de materiais próprios da região, extrairidos da natureza. É reconhecido mundialmente em virtude de suas belezas e estilo próprio.



Fonte: Galeria Virtual La Salle

A colaboração da Secretaria do Mercosul no Uruguai trouxe a diversidade na promoção da cultura latinoamericana e, aliado ao curso de Relações Internacionais do Unilasalle, a possibilidade da criação do concurso cultural, desta vez, com olhares “extraordinários” dos alunos, por ocasião da visita a Montevideo. Trata-se do primeiro evento totalmente virtual realizado pela galeria: a mostra fotográfica *Uruguai, um outro olhar*, no mês de abril, durante a Semana do

Mercosul. O objetivo foi buscar os diferentes olhares dos internacionalistas que capturaram, por meio da paisagem cultural do Uruguai, marcas representativas da história e da memória de cada lugar. As fotografias foram produzidas pelos alunos que participaram do Programa de Liderança Global e Intercâmbio Cultural, em novembro de 2019.

Em parceria com os cursos de História, Pedagogia, Arquitetura e Urbanismo e

Relações Internacionais, ocorreu, no mês de maio, a II Semana de Africanidades. O evento alcançou mais de 120 mil pessoas através da divulgação pelas redes sociais e contou, durante a sua realização, com a participação de aproximadamente 150 pessoas por atividade. A galeria participou com as exposições *Arte Africana*, em parceria com a Vogue Gallery Brasil, e *La Salle Moçambique: Educação, Missão e Vida*, em conjunto com a missão lassalista em Moçambique.

As exposições tiveram um acesso conjunto de aproximadamente 700 visitas. A percepção de LM, aluna do curso de Pedagogia, sobre a exposição *La Salle Moçambique* foi:

Muito mais que fotos, esta exposição consegue nos levar a um despertar de sentimentos únicos. Ver nos rostinhos estampados, na alegria com as brincadeiras, no sentir das crianças é algo que mexe comigo, ainda mais em um país com tamanha vulnerabilidade social, a margem da fome, da miséria, ver esta alegria dos pequenos ao estudar, ao brincar, que é algo tão importante na vida das crianças é lindo mesmo. Linda missão da Unilasalle, um projeto maravilhoso (informação verbal).

Podemos compreender que o reconhecimento da dimensão da arte no cotidiano da educação superior, na formação do futuro profissional, pode significar a reflexão sobre o problema do estético como algo intrínseco ao ato de educar. Paulo Freire (1978) afirma ser essencial ao processo educativo o seu caráter formador, que vai além de oferecer um treinamento puramente técnico e se volta para a democratização da cultura, para a tomada de consciência

do ser humano como agente autônomo, crítico e político.

Sobre a percepção cotidiana, para celebrar o Dia do Meio Ambiente, a Galeria Virtual apresentou a exposição *Sutileza: o mundo inteiro no meu quintal*, do fotógrafo Luiz Bhering, nos fazendo refletir sobre a essência, desta vez por meio do instante da vida que nasce em brotos, um instante percebido e apreendido pela alma e pelas lentes. Para Bhering (2020), a “exposição diz muito de como sinto tudo isso que nos aflige nestes loucos tempos. A necessidade de simplificar a vida sem ser simplório. Valorizar o que realmente tem valor e deixar de lado o que sobra, o que é vazio e puro consumo”.

A percepção da aluna RA, do terceiro ano do ensino médio do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (Iepic) é a seguinte:

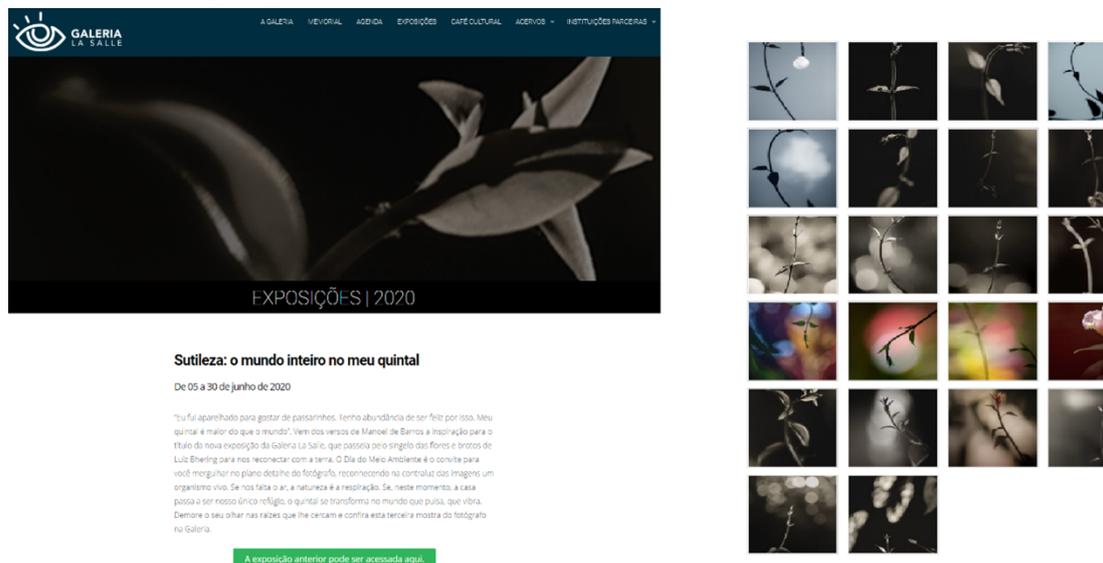
Imagens incríveis que passam uma linda mensagem, me encontro **admirada** pela forma a qual o artista conseguiu passar a sua mensagem, envolvendo o meio ambiente de forma tão sutil e agradável. Cada imagem tem uma representatividade maravilhosa que nos **transporta** para o local (informação verbal).

Já o olhar da aluna RL, do curso de Pedagogia,

A exposição *sutileza* me chamou a atenção pois aborda a semana do meio ambiente e traz um **olhar diferente** do que realmente queremos para um **planeta melhor**, com a pandemia a exposição mostra o interior do quintal de casa e nos mostra o que podemos fazer já que a casa tem sido nosso **refúgio** (informação verbal).

[Figura 2]

Exposição virtual *Sutileza: o mundo inteiro no meu quintal*



Fonte: Galeria Virtual La Salle

Podemos perceber que, em consonância a Porto (2010), as experiências, mesmo virtuais, podem afetar o sentido do sensível na promoção do imaginário e da emoção. Observamos que a imagem geradora de conceitos desperta e envolve a recriação do ato de conhecer-se como sujeito transformador de sua própria história.

Segundo Duarte Júnior (1988), a obra de arte pode indicar um rumo para os sentimentos, porém, o modo como se vive cada sentimento é dado pelo observador da obra. Com base no semioticista Umberto Eco (1988), a obra é aberta porque se inicia no criador e o espectador completa seu sentido.

A exposição *Diários da quarentena*, realizada no mês de julho, em parceria com o Laboratório Universitário de Pesquisa sobre Práticas Ativas de Aprendizado (Luppaa-La Salle), do curso de Relações Internacionais, foi feita a partir da

realização de um concurso fotográfico que contou com a participação de alunos, professores e colaboradores através do envio de imagens retratando o cotidiano em isolamento social, como um registro da História do nosso tempo presente.

Buscamos a construção de um olhar sensível por quem visita as exposições, como podemos perceber através do comentário apresentado pela aluna TC, do segundo ano do ensino médio do Iepic:

A exposição mostra uma parte do cotidiano de cada pessoa nesse momento que estamos vivenciando, a foto que mais me chamou atenção foi a “sorriso sincero Letícia Simões” pois nesse momento tão difícil de pandemia tenho passado maior parte do tempo com o meu cachorro. O sorriso sincero dele tem me ajudado e dado forças em momentos difíceis que venho passando por conta da pandemia (informação verbal).

Para LS, também aluna do Iepic, a exposição marcou da seguinte forma:

As imagens já falam por si só. [...] Os lugares, as formas que tiraram as fotos, podem nos mostrar que, apesar de estar dentro de casa, podemos tirar fotos [...] com o que temos em casa, com o que gostamos de fazer, de tocar, de ver também. Nessa quarentena está bastante difícil para todos. Mas, como uma imagem que tiraram: VAI FICAR TUDO BEM. E isso tudo vai passar e vamos voltar a nossa vida normal (informação verbal).

Pensar a prática da dimensão educativa da experiência poética da arte e refletir sobre a dimensão poética da arte da experiência educativa é compreender a educação para a criação, para o diálogo e para a alegria de pensar e conhecer. A criação de sentido na ação de perceber a arte como atividade simbólica e como parte da fundação do mundo humano seria uma experiência intensa de nos sentirmos vivos.

A exposição *Imagens do Mercosul: identidade, cidadania, integração regional e pluralidade*, que aconteceu entre os dias 21 e 25 de setembro, por ocasião da Semana de Relações Internacionais do Unilasalle. A exposição contou com a parceria do **2º e 3º Concurso de Fotografia** “Imagens do Mercosul”, organizado pela Secretaria do Mercosul, no Uruguai, com o objetivo de reconhecer as características e a diversidade cultural de nossos povos, bem como de contribuir para a identificação da cidadania do Mercosul com o processo de integração regional e sua adesão aos princípios fundamentais de paz, desenvolvimento e defesa da democracia.

A aluna RA, do curso de Pedagogia, percebeu na exposição que:

Através de um olhar foi possível conseguir captar a essência dessas imagens ricas em detalhes, cores e ambientes demonstrando e transbordando a cultura e a identidade desses povos (informação verbal).

Já MC, o aluno do curso de Relações Internacionais, revela a sua impressão sobre a diversidade de culturas:

As formas de integração cultural na literatura, nas artes, na arquitetura, na música e nas ideias foi observada por meio da exposição. Em todos esses campos pude observar a permanência de variáveis que diferenciam a produção latino-americana da de outras regiões do mundo (informação verbal).

Entendemos que ambos os registros refletem sobre o ato criador de olhar, perceber e ressoar em diferentes apreensões e saberes. As experiências envolvem as vivências e as transformações sensíveis e cognitivas elaboradas a partir dessas vivências, de seu próprio repertório imagético. Fisher (2000) contempla a arte como meio capaz de levar o homem de um estado de fragmentação a um estado de integridade e totalidade, capacitando-o a compreender a realidade e transformá-la de forma humanista. Ainda segundo o autor, “a arte é uma realidade social” (FISHER, 2000, p.13).

Outra exposição que integrou o calendário acadêmico aconteceu durante o I Encontro Internacional dos Povos Originários das Américas. Os cursos de História, Pedagogia, Relações Internacionais

e o Núcleo de Arte e Cultura desenvolveram, ao longo da semana, uma série de palestras, debates e exposições. Com o objetivo de romper com os estereótipos, com a concepção de História e cultura congeladas no tempo e no espaço, e de compreender a necessidade da formação de indivíduos com capacidade de refletir e agir numa nova realidade, na qual a história dos povos originários das Américas e, especificamente, dos povos indígenas do Brasil, precisa ser conhecida e reconhecida.

A programação cultural da galeria trouxe as seguintes mostras: *Arte indígena*, do artista Arruda Camara, realizada em parceria com a Vogue Gallery Brasil; *Imaginário infantil dos povos originários*, que reuniu gravuras das crianças do Centro Intercultural Nenemi, do México; *Carne vermelha*, do artista niteroiense Rodrigo Pedrosa; *Etnias indígenas*, que expôs selos do Acervo Filatélico do Núcleo de Arte e Cultura; e os trabalhos desenvolvidos pelos alunos do quarto período do curso de Relações Internacionais, na disciplina Atividade Integradora IV. Além dessas exposições, tivemos a parceria com o Museu do Índio, divulgando suas ações.

Sobre a exposição *Carne Vermelha*, a aluna CS diz:

Fiquei impressionada não só com a riqueza das pinturas, mas com a expressão facial carregada por eles, como se o peso do selo que foi posto neles estivesse pesando em suas vidas (informação verbal).

O aluno CL destaca em sua observação que:

A exposição me fez pensar de forma diferente. Não conhecia, não tinha ideia sobre a cultura indígena e conhecer as obras me fez perceber o quanto somos um povo atrasado em relação às nossas raízes. Senti-me envergonhada, porém feliz pela oportunidade de saber mais e mudar o estereótipo que eu tinha em relação ao tema (informação verbal).

Nos processos de conscientização do indivíduo, a cultura influencia, também, a visão de vida de cada um, nas orientações de seus interesses e suas íntimas aspirações, suas necessidades de afirmação, propondo possíveis formas de participação social. A cultura orienta o ser sensível e o ser consciente ao mesmo tempo. Assim, a sensibilidade do indivíduo é aculturada e orienta o fazer e o imaginar.

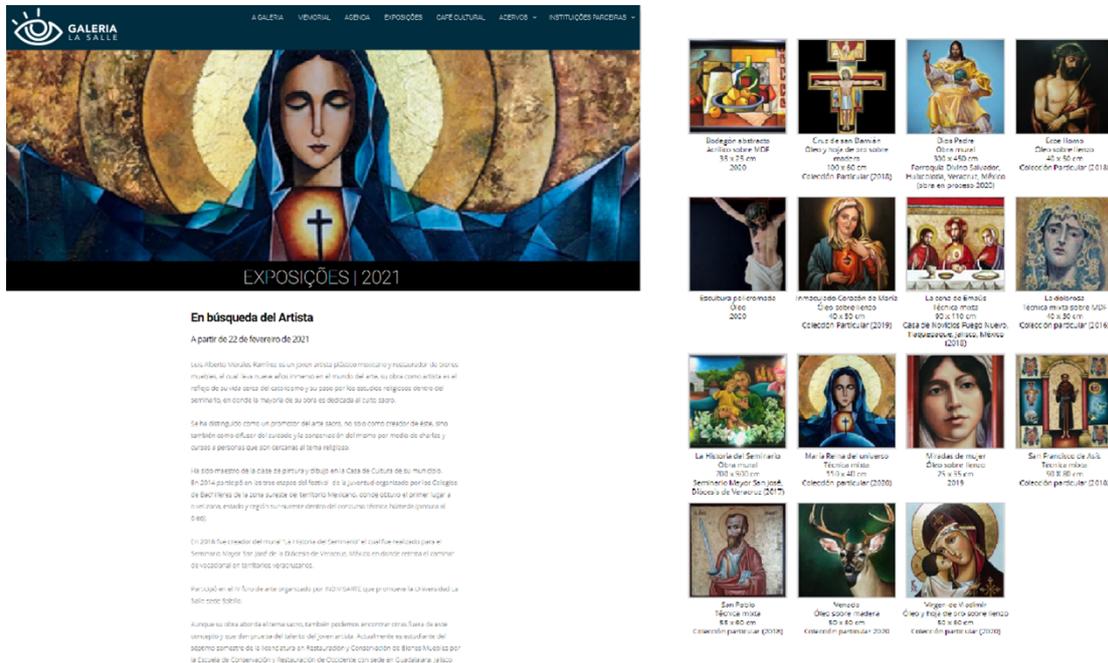
Como primeira exposição da Galeria Virtual no ano de 2021, apresentamos a exposição *En búsqueda del artista*, do artista mexicano Luís Alberto Ramírez. Através de um intercâmbio com a Universidad La Salle Saltillo, do México, pelo Foro Cultural IndivisArte.

A percepção do aluno GH, do Iepic, sobre a exposição foi:

Achei muito interessante a história que foi apresentada do autor, por mais que eu tenha achado todas as suas obras incríveis uma ficou em destaque sobre minha percepção: “Maria, rainha do universo”, técnica mista. Achei essa imagem poderosamente profunda e nostálgica pra mim, agradeço muito a oportunidade de ver essa incrível obra (informação verbal).

[Figura 3]

Exposição virtual *En búsqueda del Artista*



Fonte: Galeria Virtual La Salle

Para a aluna JC, do curso de Sistemas de Informação, a exposição trouxe a reflexão:

Ao se conformar às leis estéticas da forma e do conteúdo da arte na mente das pessoas, os pensamentos religiosos podem ser acionados. É a religião que se realiza através da forma de arte como a expressão interior do ser humano, e religião e arte são inseparáveis (informação verbal).

Percebemos que, para a percepção estética, segundo Duarte Júnior (2010), **não interessa a função dos objetos, detendo-se em sua forma, em sua maneira peculiar e particular de aparecerem. As aparências das coisas do mundo (isto é, suas formas) surgem como expressivas, ou seja, como portadoras simbólicas de sentimentos humanos, como** capazes de espelhar e revelar emoções, certas

intensidades de vibrações diante da vastidão do real.

A arte torna-se matéria filosófica, matéria mental e poética pura, pois conquistou o direito e a responsabilidade de levantar questões sobre a condição humana, a realidade, a mente, o meio ambiente, o pensamento, a percepção e a interpretação estética. Acima de tudo, a arte constitui-se, ou oferece um campo metafórico de experiência capaz de refletir as transformações na relação sujeito/objeto, sujeito/mundo.

Considerações finais

A ressignificação da forma como se produz cultura envolve uma gestão atenta

ao contexto atual, pois os espaços culturais não podem se esquivar do contexto que dita a realidade vigente. Observar, conhecer e atuar sobre os novos valores que emergem deve ser um compromisso social de tais espaços.

A relevância futura dos espaços culturais nasce da conjugação entre tudo o que se produziu, conservou e coletou até aqui para desvelar a possibilidade de ampliar saberes e sensibilidades, sem fronteiras. “É como disse certa vez o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, eterno irmão do Henfil: ‘Um país não muda pela sua economia, sua política. Muda, sim, pela sua cultura’” (SOUZA *apud* ROLLEMBERG, 2020). A pandemia acelerou a conscientização da interdependência entre os povos, nações e fatos, criando uma ampla percepção do conceito de coletivo e espaços comuns e o aprofundamento da percepção entre vida e interação.

Foi preciso reinventar e não deixar estagnar a promoção da arte e cultura à comunidade acadêmica, bem como a nossa cidade. Significou a integração de novos olhares no intuito de partilhar as intenções de vida e sobrevivência por meio da arte.

Representa buscar e reafirmar a importância da arte na vida dos acadêmicos por meio da gestão cultural do Núcleo de Arte e Cultura do Unilasalle-RJ especificamente em decorrência da pandemia da covid-19, que impactou o imaginário e as percepções humanas quanto ao campo simbólico da existência e da interação social. ■

[ANGELINA ACCETTA ROJAS]

Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora adjunta do Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro (Unilasalle-RJ). Coordenadora do Núcleo de Arte e Cultura e da Galeria de Arte La Salle.
E-mail: angelina.rojas@lasalle.org.br

[MARCELO SIQUEIRA MAIA VINAGRE MOCARZEL]

Doutor em Comunicação (PUC-Rio), realizou estágio pós-doutoral na Faculdade de Educação da UFF. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis (UCP) e professor do Unilasalle-RJ. Conselheiro estadual de educação do Rio de Janeiro. Editor da RBPAAE/Anpae, vice-coordenador estadual da Anfope-RJ e membro do Conselho Fiscal da ANPEd.
E-mail: marcelomocarzel@gmail.com

[ANDRÉ CESARI BATISTA DE LIMA]

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidade da UFF. Produtor Cultural do Núcleo de Arte e Cultura e da Galeria de Arte La Salle.
E-mail: andrecesari91@yahoo.com.br

Referências

AVELAR, Romulo. **O avesso da cena**: notas sobre produção e gestão cultural. Belo Horizonte: DUO, 2008.

BAYARDO, Rubens. A gestão cultural e a questão da formação. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, v. 6, p. 57-65, 2008.

BHERING, Luiz. **Dia Mundial do Meio Ambiente**. Rio de Janeiro, 5 jun. 2020. Facebook: unilasallerj. Disponível em: <https://es-la.facebook.com/unilasallerj/posts/2137005333110484>. Acesso em: 16 set. 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 15 mar. 2021.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 2012.

CUNHA, Maria Helena Melo da. **Gestão cultural**: profissão em formação. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **A montanha e o videogame**: escritos sobre educação. São Paulo: Papirus, 2010.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1988.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

FISHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LETELIER, Lucimara. O futuro dos museus pós-pandemia: sobrevivência ou reinvenção? **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, v. 28, p. 98-113, 2021.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Positivo, 2009.

MARTINS, Lígia Márcia. **Ensino-pesquisa-extensão como fundamento metodológico na construção do conhecimento na universidade**. São Paulo: Unesp, 2012. Disponível em: www.fc.unesp.br. Acesso em 10 mar. 2021.

PORTO, Marta. O espaço que antecede os espaços culturais. In: SEMINÁRIO DE GESTÃO CULTURAL, 2., Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Duo Informação e Cultura, 2010.

RODRIGUES, Luiz Augusto F. Gestão cultural e seus eixos temáticos. In: CURVELLO, Maria Amélia *et al.* (org.). **Políticas públicas de cultura do estado do Rio de Janeiro: 2007-2008**. Rio de Janeiro: UERJ/Decult, 2009. p. 76-93.

ROLLEMBERG, Marcello. A cultura como arma contra a pandemia. *Jornal da USP*, São Paulo, 21 dez. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/a-cultura-como-arma-contra-a-pandemia/>. Acesso em: 16 set. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

UNESCO. **Declaração universal sobre a diversidade cultural**. Paris: Unesco, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

UNESCO. **Pesquisa de percepção dos impactos da covid-19 nos setores cultural e criativo do Brasil**: resumo. Brasília: Unesco, 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375069?posInSet=13&queryId=341e9048-f941-45cf-8445-efdb43251ed0>. Acesso em: 21 set. 2021.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.